

**A PROGRESSÃO TÓPICA
NOS QUADRINHOS DE ‘O MENINO MALUQUINHO’**

Maria da Penha Pereira Lins (UFES)
penhalins@terra.com.br

Tanto o texto escrito quanto o falado têm sido estudados e-xaustivamente por especialistas: ora analisam-se textos escritos, em estudos que centram seus interesses sobre processos cognitivos no fluxo da fala ou da escrita (Chefe, 1984), sobre a organização tanto de uma quanto de outra (van Dijk, 1982, 1992; Sacks et al, 1974; Schiffrin, 1987; Tannen, 1985, 1989), ora sobre a descrição de gêneros mistos em que índices da fala aparecem na escrita e vice versa (Paredes Silva, 1997).

Em moldes extremos, poder-se-ia classificar o discurso oral da conversa espontânea como um discurso sem organização prévia, isto é, não preparado antes de ser expresso, ou melhor dizendo, um discurso relativamente não planejável de antemão (“locally menaged”), o que tornaria difícil prever a forma e a direção do assunto para a seqüência inteira (Koch, 1991). Já o discurso escrito leva a pensar numa organização prévia da idéia ou do conjunto de idéias a serem transmitidas pelo comunicador (Ochs, 1979). Afirma-se haver mais envolvimento entre os participantes da interação na fala e mais distanciamento na escrita (Tannen, 1985). Na interação face-a-face, a preocupação dos interlocutores parece estar centrada no desenvolvimento da interação em si; já na escrita, o foco parece estar no assunto discutido.

Koch (1992) explica que, entre as características distintivas mais freqüentemente apontadas entre as modalidades falada e escrita, estão as seguintes: a fala é não-planejada, fragmentária, incompleta, pouco elaborada, tem predominância de frases curtas, simples ou ordenadas e apresenta pouco uso de passivas; a escrita é planejada, não-fragmentária, completa, elaborada, tem predominância de frases complexas, com subordinação abundante e mostra emprego freqüente de passivas. No entanto, previne a autora, estas diferenças nem sempre distinguem as duas modalidades, até porque existe uma escrita informal que se aproxima da fala e uma fala formal que se apro-

CRÍTICA LITERÁRIA II

xima da escrita, de acordo com determinadas situações comunicativas. Desse modo, define Koch (1992), a escrita formal e a fala informal constituem os pólos opostos de um contínuo, ao longo do qual se situam diversos tipos de interação verbal.

No entanto, não se tem conhecimento de que haja alguma descrição do gênero “linguagem de quadrinhos”, no que se refere à especificidade de combinação de componentes verbais e visuais. Os textos dos diálogos, uma mistura de oral com escrito, constituem um gênero de texto que é planejado para parecer não-planejado, ou seja, parece haver a preocupação de se construir uma espontaneidade verbal, como um “parecer ser”, que é minuciosamente planejado anteriormente. O texto de quadrinhos reflete bem a questão do contínuo oral-escrito, representa um gênero discursivo que não é oral, mas é oral, porém se atualiza na escrita e se completa com o visual. É um texto para ser lido, mas com o objetivo de se fazer escutar.

Esse caráter de informalidade dos textos de quadrinhos e sua elaboração fragmentada, principalmente no que se refere a tirinhas diárias, faz a aproximação deste tipo de texto com o texto falado, uma vez que a tira é constituída de quadros e os tópicos são desenvolvidos dia-a-dia, de tira para tira, numa seqüência em que inserções e mudanças de assuntos promovem continuidades e descontinuidades em sua organização global.

Parece haver o uso de estratégias no gerenciamento do tópico discursivo em seqüências de tiras diárias de quadrinhos, bem como uma coerência mantida pela continuidade tópica, que se faz a partir da combinação do componente lingüístico com o visual. Apesar de haver uma descontinuidade temporal no que diz respeito à publicação das tiras de quadrinhos, há, no entanto, uma continuidade tópica, que apresenta semelhanças com a forma de organização tópica dos textos falados, principalmente quanto às estratégias referentes ao componente lingüístico. Além disso, as tiras de quadrinhos apresentam, ainda, estratégias visuais de manutenção de tópico, recurso característico especificamente desse gênero discursivo.

Na análise ora iniciada, que tem como *corpus* uma seqüência de tiras de quadrinhos, de *O Amigo da Onça*, o fenômeno da topicalidade é visto como um domínio funcional complexo em que se combinam operações cognitivas e comunicativas. É um estudo que

se desenvolve a partir de uma perspectiva funcionalista do discurso, que vê o desenvolvimento de tópicos norteando-se pelo princípio da centração, que significa “falar-se de alguma coisa” e que define o limite de tópicos distribuídos em segmentos sucessivos. A noção de centração é fundamental, porque possibilita a observação da organicidade tópica em dois planos; o hierárquico ou vertical e o linear ou horizontal, numa relação de interdependência entre contigüidade na linha discursiva (plano linear) e abrangência do assunto (plano hierárquico).

Para Goutsos (1996) o tópico representa um “fio unificado” que transpassa o texto como um todo e, assim, é expandido, ou seja, o tópico é visto como uma estrutura ou como um frame unificado. Isso proporciona uma análise que pode ter como ponto de partida menos sobre “o que” se fala e mais sobre “como” se fala de determinado tema. Essa visão, condizente com o modelo de Koch *et alli*, proporciona uma perspectiva em que a focalização é feita na organização do discurso como um todo e a definição de tópico, isto é, daquilo de que se fala, provém necessariamente do modo como se fala. Assim, teoricamente, tópico pode ser representado como uma estrutura organizada que opera tanto dentro quanto fora das fronteiras das sentenças. E não deve ser definido e identificado como uma unidade a priori, mas como resultado de marcação de fronteiras. Desse modo, a aplicação desse modelo deve enfatizar a seqüencialidade e a identificação de traços lingüísticos; e a segmentação por fronteiras é que leva à percepção da coerência dentro da seqüencialidade.

Desse modo, dentro dessa proposta, a noção de tópico é tratada em relação ao seu nível de abrangência, sendo vista numa abordagem semântico-discursiva, que se organiza em dois planos do discurso.

Partindo dessa definição de tópico, a proposta é verificar como essa categoria se comporta e se organiza dentro do discurso específico das tiras de quadrinhos. Esse objetivo parece ser alcançado a partir da descrição da organização tópica de uma seqüência de tiras diárias de quadrinhos, com base no modelo de análise formulado por Koch *et alii* (1992, p. 359); que descreveram um diálogo do projeto NURC e determinaram o recorte para análise centrado na unidade tópica. O modelo é esquematizado da seguinte maneira: 1) identificar e delimitar unidades tópicas; 2) caracterizar as relações de inter-

CRÍTICA LITERÁRIA II

dependência hierárquica e seqüencial (linear) e 3) detectar traços reveladores da estrutura interna das unidades tópicas.

Os autores previnem que a fixação de critérios para a depressão de unidades discursivas é dificultada por fatores como a interferência de pressuposições e conhecimentos partilhados pelos falantes, cuja inferência depende, em grande parte, da sensibilidade dos analistas; a fluidez com que muitas das vezes se desenvolve a conversa, nem sempre apresentando marcas formais que delimitem nitidamente as unidades, e a atuação de elementos não-verbais, como gestos, olhares, expressões fisionômicas, nem sempre estão ao alcance do analista. Por isso, ensinam eles, é preciso “estabelecer traços que definam uma categoria operacional com alguma segurança e objetividade. Essa categoria é o tópico discursivo”.

Assim, tomam a categoria “tópico” no sentido geral de “ser acerca de” (“*aboutness*”), afirmando que ele se manifesta mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, relacionados entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem.

Essa noção de tópico com sentido de “sobre o que está sendo falado/escrito” é explicada por Brown e Yule (1983, p. 70) como “um modo claramente intuitivo e satisfatório de descrever, pelo princípio da unificação, o que torna um fragmento “sobre” alguma coisa e o próximo fragmento “sobre” outra coisa”. Para Brown e Yule, qualquer consideração sobre tópico implica averiguar por que o falante disse o que disse numa situação de discurso particular (*Idem*, p. 77). Os autores explicam a afirmativa, reportando-se a Grice (1975) e traduzindo a máxima “Seja relevante” para uma forma, segundo eles, mais prática e mais útil, tal qual, “Faça com que sua contribuição seja relevante tendo em vista a existência de uma estrutura tópica”, isto é, “fale topicamente”. Isto faz supor que o falante está falando topicamente, quando sua contribuição se faz mais proximamente ajustada aos mais recentes elementos incorporados na estrutura tópica. (*idem*, p. 84).

Dentro dessas suposições sobre manifestações verbais concernentes, e conforme Koch *et alii*, as propriedades da categoria “tópico”, centração e organicidade se constituem a partir dos traços:

Propriedade da Centração: 1) Concernência, a relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa, ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; Relevância, a proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; Pontualização, localização desse conjunto, tido como focal em determinado momento da mensagem. 2) Organicidade, compreende relações de interdependência estabelecidas simultaneamente nos planos hierárquico e seqüencial, englobando as dependências de super-ordenação e sub-ordenação entre tópicos que se implicam pelo grau de abrangência de assunto e pelas articulações intertópicas no que diz respeito a adjacências ou interposições na linha discursiva.

Visto assim, como unidade discursiva, o tópico não pode ser confundido com a estrutura sentencial “tópico-comentário”, ficando claro que essa noção se amplia para além do nível sentencial, no que diz respeito à extensão.

Isso significa que um mesmo tópico discursivo pode ser mantido em fragmentos de uma conversação, mesmo que haja mudanças nos tópicos das sentenças; o que vai importar é a ligação com a mesma estrutura de relevância tópica.

Raciocínio semelhante fazem Dascal e Katriel (s/d, p. 79-80), quando afirmam que o tópico, num sentido amplo, depende não só da estrutura das sentenças usadas na conversação e de seus significados, mas também dos fatores contextuais, como o ambiente onde a conversação acontece, a experiência dos participantes, os eventos ou estímulos a que eles correntemente são submetidos etc.

Esse modelo possibilita verificar a relevância do tópico discursivo no desenvolvimento de textos constituídos de seqüências de tiras de quadrinhos, no sentido de que a estruturação tópica funciona como fio condutor da organização discursiva.

Assim, torna-se necessário observar as marcas que definem início, meio e fim de segmento tópico. No entanto, como essas marcas são facultativas, multifuncionais e co-ocorrentes, não devem constituir critério absoluto para a delimitação de tópicos (Fávero, 1999, p. 49). Em vista disso, a teoria de definição de frame, proposta

CRÍTICA LITERÁRIA II

pela sócio-etnometodologia (Tannen, 1979; Tannen e Wallat, 1986), podem auxiliar na análise de seqüência de tiras de quadrinhos, com o objetivo de ampliar o inter-relacionamento de assuntos dentro do fluxo da progressão temática, uma vez que essa teoria refere-se à noção de qual atividade está sendo encenada, de qual sentido os falantes dão ao que dizem, ou seja, à percepção de qual jogo está sendo jogado. Inclui, ainda, a noção de esquemas de conhecimento, que diz respeito às expectativas dos participantes acerca das pessoas, dos objetos, dos eventos, dos cenários no mundo e implica, também, que, para se compreender qualquer discurso, é necessário o preenchimento de informações não proferidas, decorrente do conhecimento de experiências anteriores no mundo. Desse modo, em situações de interação, os comportamentos verbais e não-verbais dos participantes são fontes potenciais de comunicação, e suas ações e intenções de significado podem ser entendidas somente em relação ao contexto imediato, incluindo o que antecede e o que pode vir a seguir.

Na análise da progressão temática, devem ser observados os fenômenos da continuidade/descontinuidade, tendo como base as hipóteses sobre a organização do texto falado, estabelecidas por Koch *et alii* (1991, p. 151), no que se refere à modalidade oral do uso da língua, que atestam o “teor de produção pouco planejável de antemão” e “aparente desestruturação do discurso oral”, o que caracteriza, de acordo com a situação, a prevalência do *modus* pragmático em sua organização.

Com esse suporte, à semelhança do tratamento metodológico dado aos textos orais, a análise do gerenciamento do tópico na seqüência de tiras de quadrinhos de *O Amigo da Onça* poderá descrever como a organização tópica é configurada neste tipo específico de texto de quadrinhos, e poderá descrever, ainda, outros padrões indicadores das especificidades de estruturação tópica desse gênero.

Na delimitação tópica da seqüência de *O Amigo da Onça*, foi levada em conta a afirmação de Brown e Yule (1983, p. 95) de que entre duas partes do discurso que intuitivamente são consideradas como tendo dois tópicos diferentes, deve haver um ponto no qual a mudança de um tópico para outro é marcada.

Também foram consideradas as constatações de Koch *et alii* (1992, p. 371) de que: a) os segmentos caracterizam-se como um

conjunto de enunciados apresentando abertura ou começo, meio e fecho ou saída (marcados ou não); b) a delimitação dos segmentos pode ser justificada por marcas, cuja identificação constitui um critério auxiliar de segmentação, já que elas não configuram um padrão de ocorrências que possibilite categorização segura. Um dos fatores que dificultam tal sistematização é o fato de que essas marcas são facultativas, multifuncionais e coocorrentes.

A abertura ou começo nem sempre tem realização específica e pode ser detectada apenas pela mudança do rumo da conversação. Se o tópico se caracteriza por centrar-se em um assunto, o início de um segmento tópico pode ser detectado no momento em que esta centração de assunto se distingue de outra centração anterior. O meio não apresenta extensão determinada, depende do número de enunciados que constituem o segmento tópico. O fecho ou saída se define no momento em que se detecta nova centração e, comumente, decorre da exaustão do tópico ou de sua descontinuidade que pode ser motivada por mudança brusca de tópico, aceita pelo interlocutor ou mudança do(s) referente(s) em relevância. A saída ou fecho nem sempre significa conclusão, mas fim da seqüência.

Koch (1992, p. 376-8) postula que um texto conversacional é constituído de fragmentos recobertos por um mesmo tópico e que cada conjunto de fragmentos constitui uma unidade de nível mais alto, sucessivamente, cada uma dessas unidades representando um tópico em seu próprio nível. Assim, na distinção de níveis hierárquicos, a autora diagrama a organização tópica da seguinte maneira: a) Segmentos tópicos, fragmentos de nível mais baixo; b) Subtópicos, conjunto de segmentos tópicos; c) Quadro tópico, conjunto de subtópicos e d) Supertópico, um tópico superior.

Levando em consideração os planos linear e hierárquico, a descontinuidade na organização tópica se caracteriza pela inserção de tópicos constitutivos de um quadro tópico entre tópicos de um outro quadro tópico, mas que a organização seqüencial, perturbada na linearidade, tende a se restabelecer, à medida que se atenta para níveis hierárquicos mais elevados, isto é, a continuidade postulada em termos de só se abrir um novo tópico após o fechamento de outro, reaparece nos níveis mais altos da organização tópica. Desse modo, o fenômeno da inserção é visto em sentido amplo, como a ocorrência

CRÍTICA LITERÁRIA II

de um segmento tópico no interior de outro segmento tópico em desenvolvimento, num esquema do tipo A-B-A, o que significa que as inserções implicam a retomada do tópico anterior, que pode acontecer imediatamente ou em outro ponto da conversação, podendo, ainda, expandir-se por vários outros segmentos tópicos. Pode ocorrer de um tópico apenas colocado de passagem ser desenvolvido de modo pleno em momento posterior da conversação.

A seqüência de tiras de *O Menino Maluquinho* analisada a partir das noções até aqui descritas, compõe-se de sessenta e duas tiras, publicadas no período compreendido entre 26 de abril a 26 de junho de 2001, no jornal capixaba *A Tribuna*. Esse recorte propicia verificar o supertópico “Ser menino maluquinho é...”, organizado em camadas, como em patamares, em que o assunto, sob diferentes perspectivas, se hierarquiza desde uma amplitude generalizadora – supertópico (ser menino maluquinho é...), até conjuntos de assuntos com perspectivas mais relacionadas entre si – quadros tópicos (escola, tecnologia, relacionamento) e, ainda, conjuntos de segmentos que se incluem em diferentes subtópicos (tarefas, inconfidência, prova, maravilhas do mundo, recursos tecnológicos, gravação de conversas, novidades e outros).

No que se refere à organização hierárquica, para sistematizar a estrutura intertópica, foram observados os assuntos mais desenvolvidos na seqüência de sessenta tiras. Tendo como parâmetro o princípio da contração, os segmentos (tiras) foram agrupados, tendo em vista o grau de associação entre eles e o enquadramento sucessivo dos grupos em relação a grupos pertencentes a níveis mais altos, chegando a configurar, nos termos do modelo de Koch *et alii*, uma pirâmide tópica de cada seqüência. Na configuração dessas pirâmides tópicas, em conformidade com maior ou menor âmbito em que o assunto é abrangido, é que fica estabelecida a relação de interdependência entre segmentos tópicos, o que garante uma visibilidade de que, na organização total da seqüência, cada nível é recoberto por outro superior e constituído por um inferior. A delimitação das fronteiras de cada um dos diversos níveis é vista a partir do assunto focalizado.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Esquemáticamente, no plano hierárquico, o supertópico “Ser Menino Maluquinho é...” desenvolve-se na seqüência, até os dois primeiros quadros tópicos, como a seguir:

SUPERTÓPICO: “SER MENINO MALUQUINHO É...”

Quadro tópico: Escola

Subtópico nível 1: Tarefas

Segmento tópico

Dever de casa [tira 54]

Subtópico nível 2: Inconfidência

Segmentos tópicos

Sacrifício [tira 1]

Rebelião [tira 2]

21 de abril [tira 4]

Teatro [tira 5]

O cabeça [tira 6]

Morte [tira 7]

Subtópico nível 2: Prova

Segmentos tópicos

Tempo [tira 9]

Tempo [tira 17]

Nervoso [tira 47]

Marcar cruz [tira 55]

CRÍTICA LITERÁRIA II

Subtópico nível 2: Maravilhas do mundo

Segmentos tópicos

Maravilhas [tira 38]

Antigo/ Moderno [tira 39]

Resposta [tira 40]

QUADRO TÓPICO: TECNOLOGIA

Subtópico nível 1: Recursos

Subtópico nível 2: Gravação de conversas

Segmentos tópicos

Conversa da mãe [tira 3]

Conversa do pai [tira 24]

Castigo [tira 25]

TV [tira 27]

Confiança [tira 29]

Espionagem [tira 30]

Gravação [tira 31]

Subtópico nível 2: Novidades

Segmentos tópicos

Vídeo-game [tira 8]

Vídeo-game [tira 16]

Celular [tira 10]

Celular [tira 18]

Controle remoto [tira 28]

Subtópico nível 1: Problemas

Subtópico nível 2: Telefone

Segmentos tópicos

Trote [tira 42]

Palavrões [tira 43]

Orelhão [tira 44]

Secretária eletrônica [tira 45]

No desenvolvimento linear da seqüência, observam-se continuidade e descontinuidade na distribuição dos segmentos tópicos. A noção de continuidade refere-se ao modo como se dá a seqüência dos segmentos tópicos, isto é, a abertura de um se dá após o fechamento do precedente. Quando não há mais possibilidades de o tema anterior ser desenvolvido, ocorre a mudança de tópico. Conforme explicam Koch *et al.*, a categoria continuidade se define por uma relação de adjacência, que ocorre na circunstância específica de esgotamento do tópico anterior. Isso caracteriza o processo de continuidade tópica na linha do discurso. A ocorrência dessa categoria se explica a partir de duas condições: 1) contigüidade, observada no plano intertópico e 2) esgotamento, no plano intratópico.

Em relação ao desenvolvimento linear, dentro do supertópico “Ser menino maluquinho é...”, constata-se que os segmentos tópicos apresentam-se desordenadamente. Apenas seis dos quatorze subtópicos detectados (considerando as sessenta e duas tiras) têm segmentos contíguos, os outros são percebidos através de uma busca em camadas superiores de desenvolvimento tópico.

Dos quatro quadros tópicos em que se ramifica supertópico, três deles compõem seis subtópicos em segundo nível. Assim, no interior do quadro tópico Escola, o subtópico nível 1, Tarefas, recobre três subtópicos de nível 2 (Inconfidência, Prova, Maravilhas do Mundo); no quadro tópico Tecnologia, o subtópico de nível 1, Recursos, incorpora dois outros de nível 2 (Gravação de Conversas e Novidades).

Uma observação interessante é que no desenvolvimento do supertópico “Ser menino maluquinho é...” é o uso de ancoragem

CRÍTICA LITERÁRIA II

pragmática. O tópico discursivo desenvolvido costuma girar em torno de situações do cotidiano vividas pelo Menino Maluquinho. No dia 26 de abril de 2000, a tira de número 2 mostra a professora tratando do assunto Inconfidência Mineira. A abordagem desse assunto se estende aos segmentos 2, 4, 5, 6 e 7.

No que diz respeito à mudança de subtópicos, são detectadas rupturas que se aproximam das rupturas de textos falados, em que assuntos de um mesmo tema aparecem em momentos diferentes dentro da conversação. No entanto, nos textos de quadrinhos analisados, não foram observados segmentos de transição, com marcadores explícitos, com se vê na conversação. A mudança é brusca, sem aviso, constatada apenas a partir de uma visão global do texto. É a substituição de índices de continuidade por outros que explicitam a mudança.

A descontinuidade verificada na veiculação diária das tiras de quadrinhos não caracteriza necessariamente descontinuidade textual, já que índices de continuidade (verbais e não-verbais) presentes nos segmentos tópicos vão indicando, no decorrer da seqüência, a que subtópico cada segmento pertence e mostrando o subtópico cada vez mais expandido, a partir de novas abordagens e perspectivas.

Um conjunto de segmentos pode abordar assuntos diferenciados, delineando uma possível incoerência, mas, por outro lado, todos se alinham, em termos de frame, dentro de um enquadre maior, que é aquele corporificado pelo personagem-título do texto e que constitui o supertópico textual. É esse enquadre maior que contempla abordagens diferentes de assuntos colocados em cena.

Assim, por exemplo, no que diz respeito ao supertópico “Ser Menino Maluquinho é...”, a abordagem será “criança questionando o mundo adulto” e pondo os adultos em situações inusitadas. Dessa forma, fica clara a relação entre personagem-título e tópicos desenvolvidos, seria o caso de classificar, nesta circunstância, como personagem-tópico. Para o leitor de quadrinhos, a relação personagem/tópico já faz parte de seu modelo, pois, conforme Maingueneau (2001), o gênero de discurso é um contrato, isto é, é fundamentalmente cooperativo e regido por normas. Todo gênero discursivo exige daqueles que dele participam que aceitem certo número de regras mutuamente conhecidas.

Desse modo, pode-se observar que a organização tópica de texto constituído de tiras diárias de quadrinhos assemelha-se à organização tópica de textos falados, na medida em que se podem detectar tópicos que se expandem e se organizam de modo a deixar deprender uma estrutura hierárquica bem definida e uma estrutura linear em que assuntos se interligam através de recursos de combinação, sejam estes índices lingüísticos, ou visuais.

Para compreender o funcionamento da categoria tópico na seqüência de tiras de quadrinhos, é necessário, ainda, observar sua movimentação dentro da seqüência, levando em conta o contexto pragmático em que esse tipo de texto está inserido. Parece claro que a interdependência temática não se estabelece apenas entre enunciados que se seguem. O que acontece é que a combinação de recursos lingüísticos e visuais com informações partilhadas levam a acionar *frames*, o que propicia efeitos contextuais e faz manifestar domínios de relevância.

Na seqüência tomada como exemplo, observou-se que o desenvolvimento textual, no que se refere à organização tópica se mantém em torno de um conjunto de referentes lexicais que, numa cadeia semântica, estabelecem pontos de convergência discursiva e de estratégias de introdução, manutenção e fechamento de segmento tópico, considerando, também, os processos de descontinuidade. Assim, foi possível esquematizar os dois processos de organização tópica, o hierárquico e o linear, nos moldes do que foi feito com os textos falados.

Fica evidenciado que o modelo de explicação da organização tópica utilizado para descrever esse tipo de texto – falado – adequa-se à descrição da organização tópica de textos constituídos de seqüência de tiras de quadrinhos, considerando o tópico discursivo no âmbito do texto. Além da constatação do emprego dos mesmos recursos e estratégias característicos do texto falado, outras características específicas do texto de quadrinhos também podem ser detectadas e descritas. Isso aponta para a viabilidade e para a pertinência de uma abordagem funcional do tópico discursivo, considerando a atuação conjunta de mecanismos cognitivos, discursivos e gramaticais, o que enquadra este estudo dentro das tendências atuais do funcionalismo.

CRÍTICA LITERÁRIA II

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BROWN, Gillian & YULE, George. *Discourse analysis*. Cambridge: Cambridge Univ Press, 1983.

DASCAL, Marcelo & KATRIEL, Tamar. Digressions: a study in conversational coherence. **In:** Petöfi, J. S. (org) *Text vs sentence*. Hamburgo: Buske, 1979.

FAVERO, Leonor L. O tópico discursivo. **In:** PRETI, Dino. (org.) *Análise de textos orais*. 4ª ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1999.

FAVERO, Leonor L. et al. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GOUTSOS, D. *Modeling discourse topic: sequential relations and strategies in expository text*. Norwood: Ablex Publishing Corporation, 1996.

KOCH, Ingedore V. Digressão e relevância conversacional. **In:** *Cadernos de estudos lingüísticos*. Campinas, nº 37, jul-dez. 1999.

———. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.

———. Organização tópica da conversação. **In:** ——. *A interação pela linguagem*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

———. *Coerência e manutenção temática no hipertexto*. Site da Abralín, 2000.

———. A progressão textual. **In:** ——. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

———. *Progressão/continuidade referencial, progressão/continuidade temática, progressão/continuidade tópica*, 2001.

KOCH, I. et al. Organização tópica da conversação. **In:** ILARI, R. (org.). *Gramática do português falado*. Campinas. Unicamp. V. 2, 1992.

———. Aspectos do processamento do fluxo de informação no discurso oral dialogado. **In:** CASTILHO, Ataliba. (org.). *Gramática do português falado*. 2ª ed. Campinas. Unicamp/Fapesp, v. 1, 1991.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. **In:** GIVON, T. (ed). *Syntax and semantics*. V. 12. Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de lingüística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PAREDES SILVA, Vera. Ao correr da pena. **In:** HEYE, J. (org.). *Flores verbais: uma homenagem lingüística e literária para Eneida do Rego Monteiro Bomfim no seu 70º aniversário*. Rio de Janeiro. Ed 34, 1995, p. 231-246.

TANNEN, D. What's in a frame? **In:** TANNEN, D. (ed). *Framing in discourse*. NY. Oxford Univ. Press, 1984.

———. *Talking voices: repetition, dialogue and imagery in conversational discourse*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1989.

———. *Coherence in spoken and written discourse*. Norwood, Ablex, 1984.

TANNEN, D. & WALLAT, C.. Interactive frames and knowledge schemas in interaction. **In:** TANNEN, D. (ed). *Framing discourse*. NY, Oxford Univ. Press, 1986.